

Versão Online ISBN 978-85-8015-079-7
Cadernos PDE

VOLUME II

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Produções Didático-Pedagógicas

2014

**Ficha para identificação da Produção Didático-pedagógica – Turma
2014/2015**

Título: Agrupamentos cooperativos: uma estratégia metodológica para se trabalhar a diversidade	
Autor: Rosangela Berese	
Disciplina/Área:	Pedagogia
Escola de Implementação do Projeto e sua localização:	Colégio Estadual D. Pedro I – EFMPN
Município da escola:	Pitanga
Núcleo Regional de Educação:	Pitanga
Professor Orientador:	Roseli Viola Rodrigues
Instituição de Ensino Superior:	Unicentro
Relação Interdisciplinar:	Todas as Disciplinas
Resumo:	<p>O presente trabalho surge da preocupação de que a cada ano recebesse alunos, em todas as turmas do Ensino Fundamental e Médio, com diferentes níveis de desenvolvimento, ritmos e estilos de aprendizagem o que torna o ambiente de sala de aula bastante heterogêneo, implicando em algumas dificuldades aos docentes em aplicar metodologias adequadas para atingir a todos igualmente. Portanto a presente proposta procura averiguar a viabilidade de se trabalhar com agrupamentos em sala de aula, com alunos em níveis próximos ou distantes de desenvolvimento e aprendizagem, de acordo com a especificidade do trabalho proposto pelo professor, e dos objetivos que se pretende alcançar. Os agrupamentos possibilitariam a interação entre os pares, a troca de experiências e melhor intervenção do professor. Para tanto buscou-se subsídios na teoria sociointeracionista de Vygotsky e em princípios da aprendizagem cooperativa focando em aplicações práticas em sala</p>

	de aula.
Palavras-chave:	Agrupamentos, teoria sociointeracionista, aprendizagem cooperativa
Formato do Material Didático	Unidade Didática
Público:	Professores do 6º ano

**SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO – SEED
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO – SUED
UNICENTRO – GUARAPUAVA – IES
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL – PDE**

**PRODUÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA:
UNIDADE DIDÁTICA**

ROSANGELA BERESE

Agrupamentos Cooperativos: uma estratégia metodológica para se trabalhar a diversidade

Unidade didática apresentada à coordenação do Programa de Desenvolvimento Educacional da SUED/SEED/PR como requisito para implementação do Projeto de Intervenção junto aos professores do 6º ano do Colégio D. Pedro I – EFMPN, de Pitanga, sob a orientação da Professora Mestra Roseli Viola Rodrigues.

PITANGA

2015

**GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ
SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO – SEED
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO – SUED
UNICENTRO – GUARAPUAVA – IES**

Tema

Agrupamentos cooperativos: uma estratégia metodológica para se trabalhar a diversidade

Area de concentração

Pedagogia

Professora PDE

Rosangela Berese

Orientadora

Roseli Viola Rodrigues

Secretaria de Estado da Educação do Paraná
Avenida Água Verde, 2140 – Água Verde
CEP 80240-900 Curitiba – PR
Tel.: (041) 3340-1500

SUMÁRIO

1. Apresentação.....	03
2. A sala de aula como um ambiente essencialmente heterogêneo.....	04
2.1. Fundamentação Teórica.....	04
2.2. Sugestão de encaminhamento metodológico.....	06
2.2.1. Primeiro momento.....	07
2.2.2. Segundo momento.....	07
2.2.3. Terceiro momento.....	08
2.3. Sugestões de leitura.....	08
3. O valor das interações sociais para um ambiente heterogêneo.....	09
3.1. Fundamentação teórica.....	09
3.2. Sugestão de encaminhamento metodológico.....	14
3.2.1. Primeiro momento.....	14
3.2.2. Segundo momento.....	14
3.2.3. Terceiro momento.....	14
3.3. Sugestões de leitura.....	15
4. Agrupar: uma estratégia para se trabalhar a heterogeneidade.....	16
4.1. Fundamentação teórica.....	16
4.2. Sugestão de encaminhamento metodológico.....	19
4.2.1. Primeiro momento.....	19
4.2.2. Segundo momento.....	19
4.2.3. Terceiro momento.....	19
4.3. Sugestões de leitura.....	20
5. Aplicando princípios da aprendizagem da cooperativa nos agrupamentos.....	21
5.1. Fundamentação teórica.....	21
5.2. Sugestão de encaminhamento metodológico.....	25
5.2.1. Primeiro momento.....	25
5.2.2. Segundo momento.....	26
5.2.3. Terceiro momento.....	26
5.3. Sugestão de leitura.....	26
6. Reflexão sobre a prática de agrupar em sala de aula.....	28
6.1. Fundamentação Teórica.....	28
6.2. Sugestão de encaminhamento metodológico.....	29
6.2.1. Primeiro momento.....	29
6.2.2. Segundo momento.....	29
6.3. Sugestões de leitura.....	30
7. Referências Bibliográficas.....	31

1. APRESENTAÇÃO

O caderno está organizado didaticamente em cinco encontros, que são subsídios para a implementação pedagógica em 2015 junto aos professores do Colégio Estadual D. Pedro I, que lecionam no 6º ano. Cada encontro terá uma duração de seis horas, totalizando 30 horas e mais duas horas reservadas para a aplicação de uma atividade em sala de aula com os alunos, totalizando 32 horas de implementação. A certificação desta implementação será emitida pela UNICENTRO.

No primeiro encontro discutir-se-á com os docentes sobre o desafio da heterogeneidade nas salas de aula, que ao mesmo tempo enriquece o campo educacional, mas traz algumas dificuldades para atuação do professor. Como oportunizar a aprendizagem a todos num campo diverso de aprendizagem? No segundo encontro, buscar-se-á subsídios na teoria sociointeracionista de Vygotsky, que preconiza o valor das interações sociais para um ambiente de sala de aula heterogêneo, como fator primordial para aprendizagem e desenvolvimento do indivíduo, colocando como conceitos básicos dessa teoria a mediação e a zona de desenvolvimento proximal. O terceiro encontro traz a proposta de agrupar os alunos em sala de aula, como estratégia para se trabalhar a diversidade, primando pela avaliação diagnóstica como um critério para a organização desses grupos, uma avaliação que não rotula e não segrega, mas uma avaliação que procura saber qual a zona de desenvolvimento proximal em que o aluno se encontra, para uma intervenção pedagógica mais eficaz e intensiva. O quarto encontro, traz contribuições da “Aprendizagem Cooperativa” para se trabalhar com esses agrupamentos, colocando alguns princípios que podem favorecer a interação, a organização e a dinâmica de trabalho desses grupos e o papel do professor como mediador nesse contexto. Nesse encontro os professores serão orientados sobre uma atividade que terão que realizar em uma de suas turmas, colocando em prática a estratégia de agrupamentos como facilitadora no atendimento a diversidade. No quinto encontro far-se-á inicialmente uma reflexão sobre a necessidade de um processo dialético de ação-reflexão-ação no fazer pedagógico, para a reconstrução de saberes docentes pertinentes a sala de aula. Nessa perspectiva de reflexão será feita a socialização dos relatórios elaborados a partir da aplicação da atividade, e as impressões que os docentes tiveram sobre a utilização dessa estratégia no contexto de sala de aula, e sobre a sua viabilidade.

2 – A SALA DE AULA COMO UM AMBIENTE ESSENCIALMENTE HETEROGÊNEO

2.1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No momento em que a democratização do ensino tornou-se mais enfática, isso na década de 80 e 90, primeiramente pela publicação de documentos oficiais, e ainda pela luta de alguns segmentos que almejavam uma educação de qualidade para todos, as escolas passaram a ser espaços onde a diversidade aflorou de tal forma, tornando-as espaços essencialmente heterogêneos. Não que anteriormente fosse um ambiente genuinamente homogêneo, mas é que assim era considerada e nem se refletia ou discutia sobre diferenças individuais no modo de aprender e ser. Sobre isso nos fala AQUINO (1998)

A heterogeneidade característica presente em qualquer grupo humano, passa a ser vista como fator imprescindível para as interações na sala de aula. Os diferentes ritmos, comportamentos, experiências, trajetórias pessoais, contextos familiares, valores e níveis de conhecimento de cada criança (e do professor) imprimem ao cotidiano escolar a possibilidade de troca de repertórios, de visões de mundo, confrontos, ajuda mútua e conseqüente ampliação das capacidades individuais. (1998,p.63)

Essa característica da heterogeneidade nas salas de aula, foi acentuada, pela luta em prol da inclusão das pessoas com necessidades especiais, que até então não eram reconhecidas nos estabelecimentos de ensino regular, como nos aponta MARCHESI (2004),

A educação especial viveu profundas transformações durante o século XX. Impulsionada pelos movimentos sociais que reivindicavam mais igualdade entre todos os cidadãos e a superação de qualquer tipo de discriminação, incorporou-se, aos poucos, ao sistema educacional regular e buscou fórmulas que facilitassem a integração dos alunos com alguma deficiência. (2004,pag. 15)

Portanto a escola, como um ambiente essencialmente heterogêneo, teve que iniciar uma reflexão sobre a responsabilidade pela aprendizagem, não só dos alunos com necessidades especiais, mas de todo o contingente de alunos formando um contexto de diversidade, social, cultural, étnica, familiar e religiosa e ainda uma grande diversidade de alunos com níveis de desenvolvimento diferentes. A escola, portanto teria que

desenvolver o seu trabalho favorecendo a igualdade na formação de cidadãos críticos, capazes de conhecer e transformar a sua realidade através do conhecimento sistematizado e historicamente construído, que é socializado pela escola.

(...) a escola deve conseguir o difícil equilíbrio de oferecer uma proposta educativa, tanto compreensiva quanto diversificada, proporcionando uma cultura comum a todos os alunos, que evite a discriminação e a desigualdade de oportunidades e, ao mesmo tempo, que respeite suas características e necessidades individuais. (ROSA BLANCO, 2004, Pag. 290)

Mas para dar conta dessas demandas educacionais e atingir o principal objetivo, que é aprendizagem para todos os alunos, é necessário um repensar sobre a escola que temos, não basta apenas garantir o acesso à educação, a chamada escola para todos, é preciso verificar a qualidade do ensino que é oferecido, se tem atendido a todos de forma igualitária respeitando o princípio da inclusão.

Escola inclusiva é o lugar onde todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter, conhecendo e respondendo às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos (Declaração de Salamanca, - UNESCO, 1994, p. 11).

Todavia o atendimento a essa diversidade, não ocorre num passe de mágica, requer mudanças profundas, que vão desde aspectos estruturais a aspectos pedagógicos, perpassando principalmente pela formação docente. Se está acostumado a dar aulas igualmente para todos, sem levar em conta ritmos, níveis de conhecimento e experiências vividas. Trabalhar efetivamente a diversidade em sala de aula é uma tarefa muito complexa, sem falar na formação dos professores, que não deu conta de trabalhar metodologias e estratégias que atendam a diversidade. Para o MEC (2000, p. 12) “É certo que há uma enorme distância entre o perfil de professor que a realidade atual exige e o perfil de professor que a realidade até agora criou. Essa circunstância provoca a necessidade de muito investimento na formação profissional”.

Esse mesmo documento (2000, p.15) traz considerações sobre o Artigo 13 da LDBEN, sobre as incumbências do professor, a qual está o zelo pela aprendizagem de todos, independente das suas condições.

o professor como aquele a quem incumbe zelar pela aprendizagem do aluno – inclusive daqueles com dificuldades de aprendizagem – toma como referência na definição de suas responsabilidades profissionais, o direito de aprender do aluno e não apenas a liberdade de ensinar do professor; vale dizer que não é mais suficiente que um professor ensine; terá de ter competência para produzir resultados na aprendizagem do aluno (Brasil, 2000, p.15);

Se a formação inicial não está dando conta de atender turmas heterogêneas, essa formação deve ser dada de forma permanente ao professor, sem falar do apoio de outros profissionais que deverão dar suporte a sua prática pedagógica em sala de aula, como equipes pedagógicas e apoio especializado quando necessário.

Portanto, conceitos como homogeneidade, estão em desuso nas nossas escolas, agora a palavra de ordem é a inclusão, é dar oportunidades pedagógicas a todos, cada um na sua individualidade e no seu processo que é único de construção dos saber. CADIMA et al. (1998, p. 14) defende “o desenvolvimento de uma pedagogia [...] que valorize o sentido social das aprendizagens, que permita gerir as diferenças de um grupo, no seio do próprio grupo e, através das capacidades que cada membro desse grupo tem”.

Surge então nesse contexto, a necessidade de se trabalhar com as diferenças, com a diversidade em sala, assim ganha destaque um conceito chamado diferenciação pedagógica. Para SANCHES (2005)

A diferenciação que inclui será a que parte da diversidade, programando e actuando em função de um grupo heterogêneo com ritmos e estilos de aprendizagem diferente. É aprender no grupo e com o grupo, em, situações de verdadeira aprendizagem cooperativa, responsável e responsabilizante. É organizar o espaço e o tempo em função das actividades [...] É implicar os alunos na construção dos saberes a realizar. É abrir a escola a uma socialização do saber entre professores e alunos.(2005, p.113)

Logo entende-se que essa diferenciação pedagógica é algo essencial nas aulas das mais diversas disciplinas, uma vez constatado que alunos apresentam ritmos e níveis de conhecimento diferentes e levar em consideração essas características individuais trarão grandes benefícios para a aprendizagem e desenvolvimento do aluno.

2.2 Sugestão de encaminhamento metodológico

Objetivos:

- Refletir sobre a organização da prática docente diante da heterogeneidade;
- Elencar estratégias metodológicas que permitam trabalhar com alunos em diferentes níveis de aprendizagem e desenvolvimento;

2.2.1 Primeiro momento

Os trabalhos terão início com a “Dinâmica do Espelho”, essa dinâmica servirá para quebrar o gelo entre os participantes e promover um momento de descontração, além de motivar os integrantes do grupo a falarem sobre suas qualidades além de perceberem que todos somos diferentes e especiais no grupo em que vivemos, cada um com as suas características físicas e psicológicas, que nos tornam únicos.

Dinâmica disponível em: <http://rosesande.blogspot.com.br/2011/09/dinamica-do-espelho.html>.

2.2.2 Segundo momento

Como **prática social inicial** será feita uma reflexão sobre a riqueza do espaço escolar como um espaço essencialmente heterogêneo, cada um com uma história, experiências e conhecimentos diferentes. Para auxiliar nessa reflexão será utilizada uma crônica de Albir José Inácio da Silva “A sala de Aula”, que trata das relações que se estabelece neste espaço tão diverso, com conhecimentos, de personalidades, ritmos e experiências diferentes. Também auxiliará nessa reflexão o vídeo: “Na minha escola todos somos iguais”, através deste vídeo podemos perceber que na escola todos somos diferentes, e que são nossas características individuais que nos fazem únicos enquanto seres humanos, mas iguais nos nossos direitos. A seguir os professores poderão relacionar a crônica e o vídeo com as suas vivências de sala de aula tanto como alunos e agora enquanto docentes.

Crônica disponível em: <http://www.cronicadodia.com.br/2008/03/sala-de-aula-albir-jos-incipio-da-silva.html>.

Vídeo disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=aSwdAWkLGmM>

A partir da leitura da crônica e do vídeo assistido, após os comentários feitos pelo grupo será feita a **problematização** do tema, falando sobre a heterogeneidade das nossas salas de aula, verificando se os docentes reconhecem que o ensino homogêneo não tem trazido efeitos satisfatórios para a aprendizagem de todos. Será proposto as seguintes questões para análise e discussão:

- Reconheço a sala de aula como espaço de heterogeneidade?
- Esse reconhecimento se efetiva em minha prática pedagógica? Como?
- Quais os desafios ao se trabalhar com turmas heterogêneas?

2.2.3 Terceiro Momento

Nesse momento será feita a **instrumentalização** através de slides, tendo como base uma **análise crítica** da obra: Pedagogia da Diferenciação e Diversidade. Autora: Carol Ann Tomlinson, aliada a fundamentação teórica proposta neste trabalho. Após a análise dos slides serão discutidas as questões abaixo:

- A fala destes autores nos auxiliam em nossas reflexões sobre o atendimento a heterogeneidade nas nossas salas de aula? Justifique
- No nosso dia a dia em sala de aula que ações podemos desenvolver para atender essas diferenças individuais de nossos alunos, possibilitando a aprendizagem de todos?

2.3 Sugestões de Leitura

Sala de aula inclusiva – práticas de diferenciação pedagógica. Disponível em http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/2705/dissertação_MC.pdf?sequence=1

Escola dos diferentes ou escola das diferenças. Disponível em http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542012000100009&lng=pt&nrm=iso

MONTOAN, M.T.E.,(org), O Desafio das Diferenças na Escola. Ed. Vozes, Rio de Janeiro, 2008.

3. O VALOR DAS INTERAÇÕES SOCIAIS NUM AMBIENTE HETEROGÊNEO

3.1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao se falar da importância das interações sociais para a aprendizagem e desenvolvimento do indivíduo, processos esses interdependentes, não se pode desconsiderar o legado deixado por Lev Semenovitch Vygotsky (1896-1934). Vygotsky foi um estudioso, formado em direito e em filologia, mas seus maiores contributos estão na área da psicologia, profissão que começou a exercer após a Revolução Russa de 1917. Sua teoria teve repercussão mundial, apesar de não a ter concluído, devido a sua morte precoce.

No Brasil a teoria Vygotskyana começa adentrar paulatinamente na segunda metade da década de 70, mas é a partir da década de 80 que começa a inspirar os ideais de educação, apesar desse não ter sido o seu principal objetivo. Sobre isso nos alerta MIRANDA (2005), “sabe-se que a prática pedagógica não foi objeto de estudo de Vygotsky, portanto abordar sua teoria a partir de processos educativos significa um desafio, trata-se de atribuir-lhe sentido no âmbito histórico e social e ainda contribuir para a revisão e a superação de sua síntese provisória”. (p.9)

Um fator importante que ajuda na compreensão da teoria de Vygotski, sociointeracionista ou sócio-histórica, é conhecer as influências que o mesmo teve durante a sua formação e a elaboração de seus escritos. FITIPALDI (2006) salienta que “para se conhecer o pensamento de um homem, é preciso conhecer não só o contexto político, econômico, social e familiar em que está inserido como também quem o influenciou e quais ideias compartilha” (p.74)

Vygotsky teve fortes influências do Marxismo, até pelo local e época em que viveu, a Rússia, marcada por fortes transformações sociais e políticas pela implantação do sistema comunista. Para COLE e SCRIBNER (2007), ele via no materialismo histórico e dialético de Marx um importante viés para a psicologia, pois ia de encontro com a ênfase sociocultural para o desenvolvimento das funções mentais superiores, além de considerar o método dialético de extrema relevância para a solução de embates científicos de sua época, defendendo que tudo está em contante mudança, nada é estático, tudo é

dinâmico, mutabilidade está presente no mundo material, econômico e social. Justifica-se aí, a evolução no ser humano das funções mentais elementares para funções mentais superiores, num processo de síntese, a interação de dois elementos, que resulta num terceiro elemento, próprio do método dialético. Recorre ainda as raízes marxistas, quando está preconiza, que as mudanças materiais e sociais modificam o próprio indivíduo, correlacionando que as mudanças no sujeito ocorrem primeiramente em nível social, para depois atingir o nível individual.

Cada função no desenvolvimento cultural de uma criança aparece duas vezes: primeiro no nível social e mais tarde, no nível individual, primeiro entre pessoas (interpsicológico) e depois dentro da criança (intrapsicológico). Isso se aplica igualmente a toda atenção voluntária, à memória, à formação de conceitos. Todas as ações mentais superiores se originam como relações reais entre pessoas. (VYGOTSKY, 1978, p.57).

Portanto, Vygotsky lutou para estabelecer a psicologia como ciência, uma psicologia marxista, que considera sim a função do biológico, mas dá grande ênfase ao processo histórico e social para o desenvolvimento do indivíduo.

CONCEITOS CHAVES DA TEORIA DE VYGOTSKY

O primeiro conceito de fundamental importância para compreender a teoria de Vygotsky, e como ela sustenta o papel das interações sociais como extremamente relevante para a aprendizagem e o desenvolvimento humano, é o conceito de mediação.

Para Vygotsky, a relação do ser humano com o meio físico e social é sempre mediada por um terceiro elemento, portanto vai conhecer, aprender e se desenvolver, graças a um elemento intermediário, esses elementos também são chamados de elementos mediadores, tratam-se dos *instrumentos e signos*, que permitirão ao indivíduo a internalização das funções psicológicas superiores. Esses elementos, fundamentalmente importantes tem uma característica básica, os instrumentos são externos ao homem, são recursos de que o mesmo faz uso para transformar a natureza, por exemplo ferramentas como enxada, machado, um pedaço de madeira entre outros. Salienta-se que, para Vygotsky, numa perspectiva marxista, ao transformar a natureza o homem transforma a si próprio.

De acordo com Marx, mudanças históricas na sociedade e na vida material produzem mudanças na "natureza humana" (consciência e comportamento). Embora essa proposta geral tivesse sido repetida por outros, Vygotsky foi o

primeiro a tentar correlacioná-la a questões psicológicas concretas. Nesse seu esforço, elaborou de forma criativa as concepções de Engels sobre o trabalho humano e o uso de instrumentos como os meios pelos quais o homem transforma a natureza e, ao fazê-lo, transforma a si mesmo. (VYGOTSKY, 2007,p.XXV)

A criança pré verbal, faz uso em maior intensidade de sua inteligência prática, portanto nesta fase, se utiliza basicamente dos instrumentos na sua relação de conhecimento com o mundo.

Já os signos são elementos internos do ser humano, que garante que o mesmo tenha controle sobre si próprio, por exemplo a linguagem, que ajuda o individuo a organizar os seus pensamentos. Portanto os signos são elementos tipicamente humanos, enquanto que os instrumentos podem também ser utilizados por outros animais, claro não com a mesma potencialidade e com intencionalidade que pelo homem, além do que o ser humano pode relacionar os instrumentos com os signos, o que não é possível aos outros animais. COLE e SCRIBNER (2007), melhor elucidam o conceito de mediação através de instrumentos e signos:

Vygotsky estendeu esse conceito de mediação na interação homem-ambiente pelo uso de instrumentos, ao uso de signos. Os sistemas de signos (a língua_em, a escrita, o sistema de números), assim como o sistema de instrumentos, são criados pelas sociedades ao longo do curso da história humana e mudam a forma social e o nível de seu desenvolvimento cultural. Vygotsky acreditava que a internalização dos sistemas de signos produzidos culturalmente provoca transformações comportamentais e estabelece um elo entre as formas iniciais e tardias do desenvolvimento individual. (p.XXVI,2007)

Os signos também dão maior independência ao individuo, pois já não dependem de aspectos físicos, pois dispõe de representações mentais dos objetos e dos fatos. São os signos que deixam a atividades humanas mais complexas, pois se tratam de ações no campo mental, envolvem memória, atenção, percepção.

Não raras as vezes as pessoas se utilizam dos signos, para criar instrumentos que os auxiliam no cotidiano, como exemplo temos uma lista de compras, que é um instrumento feito por signos da língua escrita.

[...] são inúmeras as formas de utilizar signos como instrumentos que auxiliam no desempenho de atividades psicológicas. Fazer uma lista de compras por escrito, utilizar um mapa para encontrar determinado local, fazer um diagrama para orientar a construção de um objeto, dar um nó num lenço para não esquecer um compromisso são apenas exemplos de como constantemente recorreremos à mediação de vários tipos de signos para melhorar nossas possibilidades de armazenamento de informações e de controle da ação psicológica. (OLIVEIRA,1993, p. 30-31).

O que se pode apurar, nessa atividade de mediação através de instrumentos e signos, é que ambos auxiliam o homem a conhecer o mundo que o rodeia, para transformá-lo de acordo com as suas necessidades e assim transformar a si próprio, enquanto ser humano.

ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL – ZDP

Vygotsky ao estudar a relação entre aprendizagem e desenvolvimento, estabelece alguns níveis de desenvolvimento, que estarão presente em todo o ciclo de vida do ser humano, já que a aprendizagem é algo constante, independente da idade que se tenha.

Para ele aprendizagem e o desenvolvimento são processos interdependentes, pois através de várias aprendizagens é que se consegue atingir um nível de desenvolvimento cognitivo mais elevado em relação ao nível anterior. É nessas aprendizagens que a escola, tem um papel primordial, não que o aprender ocorra apenas na escola, pois a criança aprende muito antes de frequentá-la , mas é a escola que tem condições de intervir conscientemente na aprendizagem do aluno, fazendo com que o mesmo atinja estruturas cognitivas mais elevadas.

Aprendizagem não é em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processos de desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se sem aprendizagem. Por isso a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolvam na criança essas características humanas não-naturais e formadas historicamente. (VYGOTSKY,2010, p.15)

Vygotsky ainda faz esclarecimentos da relação entre aprendizagem e desenvolvimento na vida adulta, quando adultos também aprende-se coisas novas, mas essas aprendizagens fazem uso de um desenvolvimento já alcançado, alterando muito pouco as estruturas cognitivas já atingidas.

Coloca-se um problema: o que diferencia aprender a escrever a máquina, a andar de bicicleta, a jogar tênis na idade adulta, do processo que se dá na idade escolar quando se aprendem a língua escrita, a aritmética e as ciências naturais? Cremos que a diferença essencial consiste nas diversas relações destas aprendizagens com os processos de desenvolvimento. Aprender a usar uma máquina de escrever significa, na realidade, estabelecer um certo número de hábitos que por si só não alteram em absoluto as características psico intelectuais do homem. Uma aprendizagem deste gênero aproveita um desenvolvimento já elaborado e completo, e justamente por isso contribui em muito pouco para o desenvolvimento geral. (VYGOTSKY, 2010, p.116)

Vygotsky coloca três níveis ou zonas de desenvolvimento, que merecem ser analisados e levados em consideração na escola no momento da escolha das estratégias e intervenções pedagógicas. A zona de desenvolvimento real, proximal e potencial. A real refere-se ao conhecimento que o aluno já domina de maneira autônoma, potencial é aquele conhecimento que o aluno tem todas as condições de adquirir, mas ainda precisa da ajuda de uma pessoa mais experiente e a zona de desenvolvimento proximal, considerada a mais importante para a escola, é a distância entre a real e a potencial, quando a intervenção pedagógica consegue detectar essa zona de desenvolvimento proximal e fazer as devidas relações, a aprendizagem realmente ocorre, e o que era uma aprendizagem em potencial passa a ser real, assim num processo contínuo.

a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VYGOTSKY 2007, p.97).

Portanto a ação pedagógica deve incidir, sobre esse ponto intermediário, em que o aluno precisa de auxílio para realizar determinadas ações em busca da sua plena independência em relação as mesmas, precisando de orientação para outras ações, sendo um processo contínuo na vida do ser humano. (...) aquilo que é zona de desenvolvimento proximal hoje, será o nível de desenvolvimento real amanhã – ou seja aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã.(VYGOTSKY, 2007, p. 98)

Ter clareza, de onde, quando e como intervir no que diz respeito as práticas pedagógicas é de fundamental importância para o sucesso acadêmico do aluno, bem como para o desenvolvimento das suas estruturas cognitivas relacionadas as funções mentais superiores apontadas por VYGOTSKY.

[...] o aprendizado orientado para os níveis de desenvolvimento que já foram atingidos é ineficaz do ponto de vista do desenvolvimento global da criança. Ele não se dirige para um novo estágio do processo de desenvolvimento, mas, ao invés disso, vai a reboque desse processo. (VYGOTSKY,1991, p. 100).

Conhecimento estes de suma importância para todos os educadores, que se dedicam a aprendizagem e ao desenvolvimento de seus alunos e se propõem a desenvolver práticas pedagógicas que atendam a todos.

3.2 Sugestão de encaminhamento metodológico

Objetivos

- Perceber a importância das interações sociais em sala de aula para a aprendizagem e desenvolvimento do indivíduo.
- Relacionar os conceitos de mediação e zona de desenvolvimento proximal com a prática pedagógica.

3.2.1 Primeiro Momento

Será exibido uma mensagem sobre aprendizado, como **prática social inicial**, nela se relata fatos de aprendizagem nas nossas vidas, aprendizagem essas mediadas pelas pessoas, pela natureza. Mensagem disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=98LTCUu5DOW>.

Após essa mensagem cada participante receberá um cartão com três itens, fazendo-os perceber a presença da mediação na aprendizagem. Cada professor fará comentários sobre os itens sugeridos.

- Relate algo que tenha aprendido e que não foi uma aprendizagem fácil?
- Quem lhe ajudou?
- O que mais lhe motivou?

Cada professor fará a socialização das suas respostas para o grande grupo.

3.2.2 Segundo momento

A **problematização**, será feita através de um debate com o grupo sobre:

- Como ocorre a mediação pedagógica em sala de aula, levando-se em consideração a heterogeneidade?
- As trocas feitas entre professor e aluno e aluno e aluno levam a aprendizagem de todos? Como poderíamos potencializar as trocas entre os alunos visando o aspecto pedagógico?

3.2.3 Terceiro momento

Será feita a **instrumentalização** através de slides, montados a partir da fundamentação teórica acima.

Ainda será usado um vídeo que ilustra de maneira divertida a teoria de Vygotsky disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=YJla-2t-HRY>

Para finalizar a fundamentação teórica será feita a leitura do texto: “O papel e o valor das interações sociais em sala de aula. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/812.pdf>

Com base nos estudos e reflexões propostos até o momento será respondido as questões abaixo:

- Quais as implicações dos conceitos de mediação e zona de desenvolvimento proximal para a prática pedagógica?
- Com base nos estudos de Vygotsky, o que você pensa da interação entre alunos? É possível aproveitá-la como estratégia para a aprendizagem acadêmica? Justifique sua resposta.

3.3. Sugestões de leitura

FITTIPALDI, C.B. A influência que as ideias marxistas exerceram sobre Vygotsky. Revista da Educação, 2006. p.74-78, disponível em:

revistas.ung.br/index.php/educacao/article/download/20/9

MIRANDA, M.I, Conceitos Centrais da Teoria de Vygotsky e a Prática Pedagógica.

<http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/7921/5027>

4 – *Agrupar: uma estratégia metodológica para se trabalhar a heterogeneidade*

4.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A heterogeneidade característica marcante das escolas da atualidade, vem exigindo novas formas de trabalho que permitam um atendimento mais eficaz a nossos alunos, possibilitando que todos possam ter o direito a aprendizagem. Vale ressaltar que o professor, vive um dilema muito grande, o de atender a diversidade muitas vezes em turmas numerosas, com alunos em níveis de desenvolvimento e aprendizagem muito distantes. Logo surge como proposta de trabalho nessas turmas, o agrupamento de alunos, pois agrupando-os em níveis próximos de aprendizagem o professor poderá selecionar estratégias e metodologias que atendam as necessidades dos grupos, além disso a interação entre os alunos pode representar numa troca de conhecimentos, permitindo que aprendizagem não ocorra apenas na mediação entre professor e aluno, mas ocorra também na interação com os pares. Assim,

[...] a aprendizagem deixa de ser individualista, para ser social e facilitadora da aprendizagem dos outros. A aprendizagem desperta um conjunto de processos internos que operam apenas quando alunos estão em interação com os colegas ou com o professor. Esses processos, uma vez interiorizados, passam a fazer parte das conquistas evolutivas dos alunos. (FONTES e FREIXO,2004 p.15)

Nessa prática de agrupar os alunos para a construção de aprendizagens significativas BLANCO (org Coll, 2004) nos aponta como alternativas para a organização do ensino, focando na diversidade e na aprendizagem todos.

Utilizar estratégias da aprendizagem cooperativa. É um fato já bastante demonstrado que as crianças não aprendem apenas com o professor, mas também com seus iguais. As estratégias de aprendizagem cooperativa tem efeitos positivos no rendimento acadêmico, na autoestima, nas relações sociais e no desenvolvimento pessoal. A utilização desse tipo de técnica representa uma grande ajuda para o professor, por que facilita no trabalho autônomo dos alunos, e o docente pode dar mais atenção aqueles que mais precisam. (pag. 295)

Nessa mesma linha de promover a interação entre os alunos para melhor mediação docente, no atendimento a heterogeneidade em sala de aula BLANCO (Org.

Coll 2004) ainda fala, sobre os agrupamentos.

Combinar diferentes tipos de agrupamento, tanto no que se refere ao tamanho como aos critérios de homogeneidade ou heterogeneidade que permitam proporcionar respostas diferenciadas em função dos objetivos que persigam, da natureza dos conteúdos a trabalhar e das características e dos interesses dos alunos. É importante assegurar que aqueles que tem maiores dificuldades se integrem nos grupos que melhor atendam as suas necessidades. (2004,pag. 295)

Vale ressaltar que esses agrupamentos, ocorrerão no sentido de promover a aprendizagem dos alunos, melhorar o relacionamento interpessoal, aprimorar a capacidade de interação e do trabalho em grupo e permitir que o professor eleja estratégias pedagógicas adequadas a cada grupo, facilitando o seu trabalho. O que não pode ocorrer em hipótese nenhuma nesses agrupamentos, é um aspecto de discriminação e de atribuição de rótulos, do gênero “grupo dos fracos” e “grupos dos fortes”. Pois segundo ARROYO (2004,p.353), “se partimos do suposto que as capacidades humanas, mentais, cognitivas e morais são diferentes, não daremos conta de pensar e organizar a nossa prática sem classificar, hierarquizar e segregar.” Ao propor um trabalho com agrupamentos recorre-se a novamente a visão de Arroio:

Se houver necessidade de agrupamentos visarão garantir a igualdade, as capacidades iguais de aprender. Agrupamentos afirmativos de agrupamentos afirmativos de igualdade. Democráticos nunca segregadores. Nessa direção as práticas e a cultura escolar e docente estão avançando. Por aí a escola se torna mais democrática. Mais pública. (2004, p.363)

Ao se optar por trabalhar com agrupamentos em sala de aula o professor precisa ter claro, que essa proposta deve estar de acordo com as concepções filosóficas da escola em que atua, tendo bem definido que tipo de homem e sociedade que se quer formar, além disso acreditar que os alunos trazem saberes diferentes e que interação entre esses saberes vai gerar a aprendizagem para todos.

Para agrupar preciso conhecer os saberes que os alunos trazem

O sucesso dos grupos cooperativos depende da forma como organizá-los, os critérios para se agrupar depende dos objetivos da atividade que se propõe. Esses grupos

podem ser tanto homogêneos como heterogêneos, dependendo da especificidade de cada atividade proposta, salienta-se que formar grupos heterogêneos parece ser mais vantajoso, de acordo teoria sociointeracionista de Vygotsky, pois a criança precisa do auxílio de um companheiro mais experiente para avançar na sua zona de desenvolvimento. E como saber quem é mais experiente, quem já domina certos conhecimentos, ou melhor, como saber a zona de desenvolvimento proximal de cada criança para melhor intervir e agrupar? “Toda a aprendizagem com que a criança se depara na escola sempre tem uma pré-história. [...] A aprendizagem escolar nunca começa no vazio mas se baseia sempre em determinado estágio de desenvolvimento, percorrido pela criança antes de ingressar na escola” (VYGOTSKY 2001, p.476). GASPARIN (2011) corrobora com essa visão, falando da importância da prática social inicial.

Esta avaliação prévia, tanto do professor quanto dos alunos, se realizada por ambas as partes, revela o estágio inicial, o ponto de partida do ensinante e dos aprendentes. Tanto o professor, quanto os alunos possuem uma prática social inicial dos conhecimentos antes que se tornem conteúdos escolares. O fato de pôr em comum, teoricamente, o conhecimento do professor e a realidade dos alunos oferece elementos para uma avaliação prévia que poderá dar um novo sentido tanto para o ensino quanto para a aprendizagem. Este ponto inicial torna-se um marco para avaliar o crescimento do professor e dos alunos, no decorrer e ao final do processo de ensino e de aprendizagem. (2011, p. 1975)

Portanto, essa avaliação prévia dará subsídios para o professor tanto para a montagem dos grupos de trabalho, bem como para propor estratégias e intervenções coerentes, que permitam o aluno avançar. Seguindo uma perspectiva vygotskiana a avaliação não deve se pautar basicamente no que o aluno já sabe, mas sim no processo de como o aluno está construindo o seu conhecimento, ou seja, Vygotsky acreditava que a avaliação só é válida para a aprendizagem e desenvolvimento do individuo quando consegue identificar a zona de desenvolvimento proximal, aquilo que o aluno consegue realizar com o auxílio do mais experiente. Para LUNT (1994, p. 234) “[...] qualquer avaliação que não explore a zona de desenvolvimento proximal é apenas parcial, já que só leva em conta as funções já desenvolvidas e não aquelas que estão em processo de desenvolvimento e que, por definição, desenvolvem-se por meio da atividade colaborativa”.

Esse diagnóstico deve ser constante, sempre que inicia um conteúdo é necessário saber quais os saberes que os alunos já dominam sobre o mesmo, bem como os saberes que estão em construção, assim a formação dos grupos ocorre de maneira consciente

atendendo aos objetivos específicos de cada conteúdo.

4.2 Sugestão de Encaminhamento Metodológico

Objetivos:

- Reconhecer a avaliação diagnóstica como ponto de partida para a formação dos grupos;
- Perceber o ato de avaliar como um ato emancipatório e não um instrumento de segregação.

4.2.1 – Primeiro momento

Será feita a **prática social inicial**, através da charge disponível no seguinte link:

<http://revistaescola.abril.com.br/img/avulsas/calvin-trabalho-grupo.jpg>

A partir da charge os docentes serão motivados a comentar sobre suas experiências na promoção dos agrupamentos na sala de aula.

4.2.2 – Segundo momento

A **problematização** será feita através da proposição das seguintes questões:

- Quais os critérios que o professor usa para formar os agrupamentos para que os mesmos propiciem a participação e aprendizagem de todos?
- É fácil estabelecer diagnósticos a respeito do que os nossos alunos sabem e usar isso como critério para formar agrupamentos?
- Quais as limitações e potencialidades no nosso cotidiano para que esse diagnóstico seja feito?

4.2.3 – Terceiro momento

A instrumentalização será feita através de uma atividade em grupo através de três textos diferentes, onde será produzido um mapa conceitual de cada texto e socializado com os demais grupos, relacionando tais textos com práticas do cotidiano e com a fundamentação teórica acima:

Texto 1 – Como agrupo meus alunos? Reportagem da Revista Nova Escola – Ano XXIV- nº 220- Março de 2009, p.36-43.

Texto 2 – Reprovar, classificar,segregar - ARROYO, M.G. Imagens quebradas: trajetórias e tempos dos alunos e mestres. Petrópolis, Rj: Vozes,2004.

Texto 3 – Prática social: Nível de desenvolvimento atual do educando – GASPARIN , J.L. Uma Didática para a Pedagogia Histórico Crítica. 4ª ed. rev. e ampl – Campinas SP: Autores Associados, 2007.

4.3 Sugestão de Leitura:

FIDALGO, S.S. Avaliação na escola: Um histórico de exclusão social escolar ou uma proposta sociocultural para a inclusão? Faculdade Casper Libero – PUC, São Paulo

Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/3398/339829599002.pdf>

MORAES, S.P.G. A concepção de aprendizagem e desenvolvimento em Vygotsky e a avaliação escolar. Universidade Estadual de Maringá, UEM – PR. Grupo de Estudo e pesquisa sobre atividade pedagógica, Grupo de pesquisa e ensino trabalho educativo e escolarização. Disponível em:

http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/9/artigo_simposio_9_1008_silvia.moraes@uol.com.br.pdf

5. Aplicando princípios da aprendizagem cooperativa nos agrupamentos

5.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Organizar os alunos em grupo é uma proposta de trabalho antiga e ainda muito usada em nossas salas de aula, no entanto com objetivos não muito definidos em relação a aprendizagem. Colocar os alunos para sentarem juntos, não significa que está ocorrendo aprendizagem através da troca de saberes, portanto o professor precisa estar ciente dos objetivos da atividade proposta e os componentes do grupo conhecerem esses objetivos, bem como a função de cada membro para o crescimento coletivo, onde o objetivo maior é a aprendizagem de todos, do contrário essa estratégia apenas causará tumulto, um ou dois alunos se envolvem na atividade em detrimento dos outros. A aprendizagem cooperativa, é uma estratégia que pode auxiliar na otimização dos trabalhos em grupo, no sentido de dar uma nova perspectiva, focando na troca de saberes e na premissa de que a interação com parceiros mais experientes gera aprendizagem e propicia o desenvolvimento. Além de se configurar como uma estratégia que auxilia o professor no atendimento a diversidade.

[...] estratégia de ensino-aprendizagem que recorre à utilização de pequenos grupos, estruturados cuidadosamente, de modo a que todos os alunos interajam, trabalhem em conjunto e troquem informações, com vista à maximização das suas aprendizagens e das aprendizagens dos demais colegas (PEREIRA, 2011, p. 26).

Essa estratégia consiste em organizar criteriosamente pequenos grupos, que irão cooperar entre si, propiciando a aprendizagem de todos os membros. Aprendizagem esta, não apenas de conteúdos curriculares, mas também de capacidades de organização, interação, cooperação, entre outras. BALKCOM (apud Lopes e Silva, 2009) define a aprendizagem cooperativa:

[...] como uma estratégia de ensino em que pequenos grupos, cada um com alunos de níveis diferentes de capacidades, usam uma variedade de actividades de aprendizagem para melhorar a compreensão de um assunto. Cada membro do grupo é responsável não somente por aprender e que está a ser ensinado, mas também por ajudar colegas, criando uma atmosfera de realização. (2009,p.3)

Para realmente se configurar como um processo de aprendizagem cooperativa, é de suma importância que os alunos tenham isso em mente, são necessários alguns

fatores segundo LOPES e SILVA (2009), a interdependência positiva, onde o sucesso deve ser coletivo e não individual, por isso já estão trabalhando em grupo, e o desenvolvimento da capacidade de análise, pois diante da organização do grupo e dos problemas que vão surgindo, a dinâmica de trabalho vai se reorganizando para que todos possam aprender. KAYE (1991, apud Lopes e Silva, 2009) aponta seis elementos como de fundamental importância que precisam ser fortemente reconhecidos na aprendizagem cooperativa. Primeiro, que a aprendizagem é um processo individual, motivado por processos externos dentre eles a interação com os pares. Segundo, que as interações interpessoais permitem a reorganização das estruturas cognitivas, portanto a aprendizagem é individual mas perpassa pelo social. Terceiro, que a aprendizagem cooperativa requer a troca de saberes entre os pares, e que cada membro do grupo deve vivenciar diferentes papéis, de acordo com a necessidade. Quarto, que aprendizagem no grupo é muito mais benéfica e maior do que aprender sozinho. Quinto, que aprender cooperativamente não é fácil, algumas tentativas podem ser frustrantes. Sexto, que na aprendizagem cooperativa há a possibilidade do apoio de parceiros para a aprendizagem individual, num ambiente cooperativo e não competitivo.

SLAVIN (1995 apud Lopes e Silva, 2009), coloca algumas possibilidades de desenvolvimento, quando a estratégia da aprendizagem cooperativa é aplicada de forma eficaz. A motivação é uma delas, pois numa dinâmica de trabalho em grupo com os princípios da aprendizagem cooperativa, só há sucesso individual quanto todo o grupo obtém sucesso, portanto todos os membros devem estimular e incentivar o companheiro a progredir, avançar e prosperar em benefício do grupo. A coesão social é outra possibilidade, pois inspira e reforça a união dos membros do grupo. E por fim, a possibilidade de desenvolvimento cognitivo, que gira em torno de duas vertentes, a primeira delas fundamenta-se na teoria de Vygotsky, focando na zona de desenvolvimento proximal, onde o aluno consegue avançar com o auxílio de parceiros mais experientes, e a segunda voltada para a psicologia cognitiva, que remete a associação de novos saberes a memórias já retidas, portanto o ato de aprender se dá pela reestruturação cognitiva, e o fato de explicar, falar, assimilar e analisar conceitos, sobre algo que está se produzindo a parceiros contribui para a aprendizagem muito mais que se estivesse fazendo isso individualmente.

PUJOLÁS (2001 apud Fontes e Freixo) coloca algumas características, apontadas por Johnson & Johnson, autores de renome sobre a aprendizagem cooperativa, segundo eles, são características essenciais para que um grupo que adota a aprendizagem

cooperativa como principio norteador, tenha êxito: a interdependência positiva, a responsabilidade individual e de grupo, a interação estimuladora, as competências sociais e a avaliação do grupo, sem essas características o grupo não avançará.

A interdependência positiva, refere-se a convicção que os alunos devem desenvolver em relação ao sucesso coletivo, ninguém avança sozinho e necessário que todos avancem. O compromisso individual e a responsabilidade pessoal, diz respeito ao compromisso do aluno em desempenhar a sua função que será decidida pelo grupo, por isso o envolvimento e o desempenho devem ser avaliados individualmente e o aluno deverá receber um feedback sobre o seu desempenho no grupo. PUJOLÁS (apud Fontes e Freixo) salienta:

O compromisso individual e a responsabilidade pessoal de cada membro do grupo cooperativo manifestam-se quando a avaliação do rendimento individual de cada elemento relativamente ao rendimento do grupo de tal maneira que esta pode mostrar até que ponto cada um foi cooperante e contribuiu de forma responsável e equitativa para o rendimento e o sucesso do todo. É muito importante que todos os elementos do grupo se conheçam de forma a saberem quem necessita de mais ajuda, apoio e incentivo para a concretização das tarefas propostas, e para que estas sejam ajustadas às capacidades de cada elemento, assim como nenhum dos elementos deve se aproveitar do trabalho dos outros para o benefício próprio. (2004, p.33)

A interação estimuladora refere-se ao compromisso do grupo com o sucesso de todos os integrantes, ajudando-se mutuamente quando necessário, socializando materiais, promovendo uma motivação mútua. Para LOPES e SILVA (2009 p.18) “A responsabilidade em relação aos colegas, a capacidade de influenciarem uns aos outros, bem como a conclusão que chegam, a modelagem, o apoio social e as recompensas interpessoais aumentam quando a interação face a face entre os membros do grupo aumenta”.

As competências sociais referem-se a algumas atitudes que os alunos devem desenvolver para que possam cooperar de maneira mais eficaz, como a liderança, o saber escutar, comunicar-se bem e saber lidar com os conflitos, segundo LOPES e SILVA (2009), a aprendizagem cooperativa é muito mais complexa do que a aprendizagem individual, pois trata não apenas de conteúdos curriculares, mas também de práticas interpessoais.

A avaliação do grupo, ocorre ao final da tarefa solicitada, onde cada membro do grupo faz uma autoavaliação do seu desempenho individual, avaliação está relacionada ao desempenho do grupo, apontando os avanços e as dificuldades, pontos que podem

permanecer e outros que devem mudar, essa avaliação deve pautar-se nos objetivos da atividade proposta.

O exercício deve ser constante desses cinco itens, que configuram uma aprendizagem cooperativa, do contrário não se obterá sucesso. Segundo JOHNSON, JOHNSON HOLUBEC (apud Lopes e Silva).

A utilização da aprendizagem cooperativa exige uma ação disciplinada por parte do professor. Os cinco elementos básicos são não só características próprias dos bons grupos de aprendizagem, mas representam também uma disciplina que deve aplica-se rigorosamente para produzir as condições que conduzam uma ação cooperativa eficaz. (2009p.20)

Ficou claro que o papel do professor é de suma importância nesse processo, para BIDEGAIN (apud Lopes, et al, 2013) o professor precisa desempenhar três funções de extrema importância para que essa estratégia seja exitosa . O primeiro refere-se a função de mediador, quando seleciona o conteúdo, define os objetivos, e a partir desses organiza os grupos e distribui as tarefas e também providencia os materiais necessários. Segundo, a função de observador, verificando como está sendo desenvolvido o trabalho, se o grupo está encontrando dificuldade em colocar em prática as competências sociais, ou mesmo com dúvidas em conceitos trabalhados, o professor deverá fazer a intervenção pedagógica. E por fim, a função de facilitador da autonomia na aprendizagem, dando o poder de decisão e de organização ao grupo, para que aos poucos vão adquirindo autonomia quanto a sua aprendizagem.

Os alunos também precisam ter suas funções definidas no grupo, para que cada membro do grupo saiba o que vai fazer, que papel vai desempenhar, assim não fique esperando que o outro faça sua função. LOPES e SILVA (2009), salienta que os papéis desempenhados pelos alunos depende dos objetivos, das características da atividade, bem como da faixa etária dos alunos. Dentre os papéis que se pode atribuir aos alunos KAGAN (apud Lopes e Silva 2009, p.27) coloca um quadro de atribuições de um grupo cooperativo, obviamente respeitando a particularidade de cada tarefa atribuída.

Papel	Descrição
Encorajador	Encoraja os alunos relutantes ou tímidos a participar.
Elogiador	Mostra apreço as contribuições dos colegas e reconhece as realizações.
Porteiro	Equilibra a participação e faz com que

	ninguém domine.
Treinador	Ajuda na explicação das matérias escolares, explica conceitos...
Chefe de perguntas	Assegura que todos possam fazer perguntas e a mesma sejam respondidas.
Verificador	Verifica a compreensão do grupo.
Superintendente	Mantém o grupo a trabalhar na tarefa.
Anotador	Registra as ideias, decisões e planos.
Reflector	Informa o grupo do progresso ou falta dele.
Capitão do silêncio	Controla o nível do barulho.
Monitor dos materiais	Recolhe e restitui os materiais.

Esse quadro trata-se de uma sugestão, como já foi dito, os papéis são muito relativos, de acordo com a atividade a ser desenvolvida. Salienta-se ainda que deve haver uma rotatividade dos papéis, um aluno pode desempenhar diferentes papéis em diferentes atividades. Sugere-se ainda que esses papéis sejam incorporados aos poucos, em algumas atividades, as primeiras seguindo essa estratégia, é interessante que nem haja a definição de papéis, para que depois de analisar o desempenho dos grupos, o professor possa fazer essa definição de papéis e funções.

5.2 Sugestão de Encaminhamento Metodológico

Objetivos:

- Conhecer alguns princípios da aprendizagem cooperativa;
- Analisar a proposta de trabalho da aprendizagem cooperativa ;
- Verificar se a estratégia defendida pela aprendizagem cooperativa é aplicável as turmas do Colégio D. Pedro I.

5.2.1 Primeiro momento

A **prática social inicial** será feita através de um pequeno vídeo: “Trabalho em Equipe”, onde os docentes poderão falar sobre as impressões que tiveram do mesmo, tecendo comentários sobre a importância de se trabalhar coletivamente na escola, com objetivos bem definidos e quais os benefícios que isso traz para a aprendizagem aluno.

Vídeo disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=twg9Sct76UE>

A **problematização** será feita através da pergunta:

- Como fazer com que os alunos reconheçam a importância desses agrupamentos para sua aprendizagem e contribuam para a aprendizagem do colega?

5.2.2 Segundo momento

Será feita a **instrumentalização** através de slides, buscando como referência o livro: A aprendizagem cooperativa na sala de aula – um guia prático para o professor – LOPES, J., SILVA, H. S. A aprendizagem cooperativa na sala de aula: Um guia prático para o professor. Editora Lidel: Lisboa. 2009.

Após a exposição dos slides os professores falarão da viabilidade dessa proposta da aprendizagem cooperativa nas suas turmas.

5.2.3 Terceiro momento

Será proposta uma atividade prática para ser desenvolvida em sala de aula, onde o professor fará os agrupamentos dos alunos e desenvolverá um conteúdo, fazendo as devidas análises, sobre a viabilidade de se trabalhar com essa estratégia em sala de aula. Após essa aplicação o professor deverá preencher a seguinte ficha para socialização com o grupo.

1 – Conteúdo trabalhado:

2 – Objetivos específicos:

3 – Quantidade de alunos por agrupamento:

4 – Descreva como foi a avaliação diagnóstica para a montagem dos grupos. Quais as dificuldades ao propor essa avaliação?

5 – Como foi a reação dos alunos ao se montarem os grupos? Encontrou alguma dificuldade?

5 – Foi possível utilizar os princípios da aprendizagem cooperativa? Justifique.

6 – Como foi a sua intervenção pedagógica nos grupos?

7 – Na sua opinião como docente, aponte as vantagens e desvantagens em se trabalhar com agrupamentos nas suas turmas.

Após ser dado um prazo para a realização da atividade prática e a elaboração do relatório, será feita a socialização dos mesmos, e análise das percepções que os docentes tiveram sobre a estratégia de agrupar os alunos, seguindo como critério o nível de aprendizagem dos alunos.

5.3 Sugestão de leitura:

FERNANDES, E. . O trabalho cooperativo num contexto de sala de aula. Disponível em:

<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v15n4/v15n4a04.pdf>

6 . Reflexão sobre a prática de agrupar na sala de aula

6.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao colocar em prática, os agrupamentos cooperativos em sala de aula, como uma estratégia de trabalho no atendimento a diversidade, e ao aplicar qualquer outra estratégia metodológica, o repensar sobre a prática pedagógica deve ser um exercício constante para os professores da atualidade, pois as demandas educacionais são amplas e a formação do professor que deve lhe garantir o saber técnico e específico, nem sempre da conta dessas demandas, e além disso uma infinidade de peculiaridades como a inclusão, a diversidade nos mais variados campos, conferem ao fazer pedagógico uma série de incertezas e dúvidas, não existe mais uma receita pronta, que se possa aplicar em todas as turmas, a cada dia de aula é uma formação, onde se faz um confronto entre a teoria e a prática, e assim reflexões sobre o que é ou não pertinente no fazer pedagógico num contexto de sala de aula. BOLFER (2008), parafraseando Gomes salienta que:

[...] como um profissional que reflete criticamente sobre a prática cotidiana a fim de compreender as características específicas daqueles processos, bem como sobre o contexto em que o ensino tem lugar para que possa, assim, facilitar o desenvolvimento autônomo e emancipador dos participantes do processo educativo. A partir da reflexão é que podem surgir os processos de significação visando ampliar sua compreensão e atuação frente ao ato complexo da docência. Há algo que antecede a ação docente, há algo que acontece durante a ação docente e há algo que acontece quando se reflete sobre a ação docente já realizada. Através desta tríade, é que ampliamos nosso entendimento sobre a ação docente realizada e projetamos ações futuras. (2008, p.11)

As teorias educacionais são inúmeras e cabe ao professor, consciente de suas concepções teóricas e filosóficas em consonância com os documentos escolares que embasam a prática docente, olhá-las com um olhar crítico, se perceber a viabilidade das mesmas, colocá-las em prática sob a perspectiva de ação-reflexão-ação e assim fazer uma constante reconstrução do saber docente. Pois segundo Paulo Freire (1996),

Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu "distanciamento" epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise, deve dela "aproximá-lo" ao máximo. Quanto melhor faça esta

operação tanto mais inteligência ganha da prática em análise e maior comunicabilidade exerce em torno da superação da ingenuidade pela rigorosidade. Por outro lado, quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de mudar, de promover me, no caso, do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica. Não é possível a assunção que o sujeito faz de si numa certa forma de ser sem a disponibilidade para mudar.(1996, p.39)

Portanto o professor não pode se furtar desse processo de ação, reflexão e ação, fazendo de sua prática, uma construção constante de saberes com uma profundidade e veracidade ímpar, pois a partir dos conhecimentos teóricos elabora sua prática e a partir das impressões obtidas reconstrói esse saber antes teorizado em busca de uma educação de qualidade para todos. É nessa perspectiva que o professor ao usar a estratégia de agrupar os seus alunos, por níveis próximos de conhecimento ou não, de acordo com a especificidade do trabalho atribuído, no sentido de auxiliar no atendimento pedagógico, bem como para promover a trocas de saberes diferentes entre os alunos, deve refletir sobre a sua ação, analisar as potencialidades e as limitações dessa estratégia para o cotidiano de sua sala de aula.

6.2 Sugestão de encaminhamento metodológico

Objetivo:

- Socializar a experiência de trabalho com agrupamentos em sala de aula com um olhar reflexivo sobre a sua viabilidade nas turmas em que leciona.

6.2.1 Primeiro momento:

Será feita uma reflexão inicial com o vídeo “O sapinho”, sobre a coragem de buscar novas alternativas de trabalhos apesar de todo o discurso que tudo é difícil, que não dará certo, que apesar das dificuldades, os educadores precisam estudar, buscar novas alternativas, lutar por melhores condições de trabalho, pois os alunos esperam isso do professor.

Vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DID_ojhCkjY

6.2.2 Segundo momento

Cada professor fará a socialização de sua experiência do trabalho com agrupamentos, colocando as suas impressões em relação a essa estratégia, quais as vantagens e as desvantagens de usá-la num contexto de sala de aula.

6.3 Sugestão de leitura

MICHELETO, I.B.P. Ação-Reflexão-Ação. Processo de Formação Continuada. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1448-6.pdf>

7 – Referências Bibliográficas

Aquino, J.G. Diferenças e preconceitos na escola: Alternativas Teóricas e Práticas. 2. ed. São Paulo: Summus, 1998

ARROYO, M.G. Imagens quebradas: trajetórias e tempos dos alunos e mestres. Petrópolis, Rj: Vozes, 2004.

BIBIANO, B. Et al. Como agrupo os meus alunos? Revista Nova Escola, São Paulo: Editora Abril, nº 220, ano 24, março de 2009.

BLANCO, R. A atenção a diversidade na sala e aula e as adaptações do currículo. In COLL, C. Desenvolvimento psicológico e educação. Trad. Fátima Murad. 2.ed. PortoAlegre: Artmed, 2004.

BOLFER, M.M.M.O, Reflexões sobre a prática docente: Estudo de Caso Sobre a Formação de Professores Universitários. Piracicaba, 2008. Disponível em: <https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/2006/LWFMJKHNXBBS.pdf>

CADIMA, A. et. al. Diferenciação pedagógica no ensino básico: alguns itinerários. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1998.

FITTIPALDI, C.B. A Influência que as idéias marxistas exerceram sobre Vygotsky. Revista da Educação, 2006. p.74-78, disponível em: <https://www.revistas.ung.br/index.php/educacao/article/download/20/9>

FONTES, A., FREIXO. O. Vygotsky e a Aprendizagem cooperativa: Uma forma de aprender melhor. Livros Horizonte: Lisboa, 2004.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GASPARIN, J. L. Uma didática para a pedagogia histórico-crítica. 4 ed. rev.e ampl. - Campinas SP: Autores Associados, 2007.

_____. Avaliação na perspectiva histórico crítica. XV Congresso Nacional de Educação – Educere , I seminário internacional de representações sociais, subjetividade e educação – Sirsse Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 07 a 11 de novembro de 2011. Disponível em http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4557_2608.pdf

LOPES, J. , SILVA, H. S. A aprendizagem cooperativa na sala de aula: Um guia prático para o professor. Editora Lidel: Lisboa. 2009

LOPES, J. P., et al. As opiniões de professores sobre a aprendizagem cooperativa. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 13, nº 40, p.913 – 937, set./dez. 2013

LUNT, I. A prática da avaliação. In: DANIELS, H. (Org.). Vygotsky em foco: Pressupostos e desdobramentos. Campinas-SP: Papirus, 1994. p. 219-252

MARCHESI, A. *Da linguagem da deficiência às escolas inclusivas*. . In COLL, C. Desenvolvimento Psicológico e Educação. Trad. Fátima Murab. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MIRANDA, M.I. Conceitos Centrais da Teoria de Vygotsky e a Prática Pedagógica. Ensino em Re-Vista, 13(1) : 7-28, jul.04/jul.05. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/7921>

OLIVEIRA, M.K. VYGOTSKY – Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Editora Scipione, 1993.

SANCHES, I. *Compreender, agir, mudar, incluir. Da investigação-acção à educação inclusiva*. Revista Lusófona da Educação, Lisboa, n. 5, p. 127-142, fev. 2005.

UNESCO. *Declaração de Salamanca e enquadramento da acção: na área das necessidades educativas especiais*. Salamanca: UNESCO, 1994.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A.VYGOTSKY, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: R.; LEONTIEV, A. N. (Org.). Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone, 1978.

_____. Psicologia pedagógica. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *A formação Social da Mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*; organizadores Michael Cole ...[et al;] Tradução José Cipola Neto, Luiz Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche – 7 ed – São Paulo: Martins Fontes, 2007 – (Psicologia e Pedagogia)

_____. Aprendizagem e desenvolvimento na Idade Escolar. In: Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. Vigostky, L. Luria, A. Leontiev, A.N.

11ª. Edição. São Paulo: Ícone, 2010, p. 103-116.